

RUI SEQUEIRA

O SEGREDO DE TUTANKAMON



PRÓLOGO

Houve tempos em que se acreditava que o sol dava a vida e que a lua amaldiçoava quem para ela olhasse. Os bebés que nasciam com o brilho do sol eram crianças abençoadas, enquanto aquelas que ousavam respirar o ar pela primeira vez quando a lua estava redonda, haveriam de vaguear na vida infortunadamente.

Nesse tempo, os deuses governavam os homens e controlavam a terra.

E foi nesse tempo, há milhares de milhares de anos, que tudo começou.

– Estás a ver aquela cascata? É o nosso destino. A partir dali continuarei sozinho.

– O nosso destino? Jurei acompanhar-te até à casa de Seth, onde és esperado para um manjar.

– Sim, claro que sim. Ele espera-me.

E assim continuaram pelos trilhos, com o Nilo a servir de guia, um guia silencioso, lento, mas o único capaz de guiar Osíris e o seu jovem e fiel seguidor Anúbis até à casa de Seth, por trajectos de deuses, que nenhum mortal conseguiria sequer imaginar, quanto mais ousar fazê-lo.

O chão deixava finalmente de reflectir a temperatura deixada pelo sol durante o dia, que fazia com que os caminhos

mais parecessem trilhos ao encontro das trevas. Sentia-se uma suave brisa. Até parecia que o Nilo, piedoso e sempre presente, soprava levemente para os refrescar daquele dia, infernalmente quente. Pequenas nuvens vislumbravam-se no horizonte, onde aquele que dava a vida ao Egito parecia desaparecer.

Após uma descida bastante íngreme, onde o verde era uma miragem, as pedras que serviam de sentinelas ao desfiladeiro eram a única visão e o som do calcar das areias pelos cascos dos cavalos, a única melodia. Pouco tempo depois começou a ouvir-se um dos sonidos mais desejados numa paisagem daquelas: o da água. Finalmente a cascata, a principal porta do reduto de Seth.

– Finalmente chegámos. – disse Osíris, enquanto bebericava mais um pouco de água da sacola, que já só continha umas gotas.

– Mas não está aqui ninguém! – retorquiu Anúbis, com um olhar desconfiado que mirava a cascata desde o seu alto, até à neblina causada pela força das águas que caíam como fortes rochas no leito do Nilo.

– Terei de ultrapassar aquela cortina de água, e aí, estarei em casa do meu anfitrião.

Seth, junto dos seus convidados e de mais setenta e dois conspiradores, aguardava com impaciência a chegada daquele que seria o seu convidado de honra, por quem nutria uma inveja de morte e que, a partir dessa noite, nunca mais seria visto como o mais poderoso, o mais bondoso, o mais conquistador, mas apenas como Osíris, o irmão de Seth. Pelo menos assim pensava Seth. Encontravam-se numa enorme sala, ladeada de vinte grandes colunas de cada lado. No início da sala, havia um lago rodeado de pequenas tochas que iluminavam os corpos brancos e seminus de três belas mulheres, de longos cabelos negros como o carvão, mas com um brilho que parecia reflectir a luz de todas aquelas chamas. Era um brilho muito diferente daquele que era extravasado através dos seus olhos verdes intensos e profundos, quase assustadores, mas repletos de sensualidade. O brilho era tão intenso, que pareciam vulcões a expelir berilo verde em vez de lava. Banhavam-se umas às

outras com delicadeza e no ar sentia-se um cheiro a frutos. Logo a seguir ao lago, uma enorme mesa, totalmente coberta de fruta, carnes, peixes e jarros de vinho. Contavam-se noventa e três lugares, sendo que dois permaneciam vazios: os lugares à direita e à esquerda de Seth. Ao fundo da sala, duas enormes estátuas de dois gigantes, magnificamente esculpidos na rocha. Eram duas figuras com a mesma fisionomia, com as mesmas vestes, os mesmos acessórios, as mesmas jóias, no entanto, uma estava sentada numa cadeira ricamente trabalhada, um trabalho árduo da autoria de um grande mestre certamente, enquanto a outra se encontrava de pé, do lado direito da cadeira e com um gesto de coroação daquele que parecia ser a sua alma gémea. Por baixo desta fantástica obra, estava inscrito:



– Bem-vindo, meu querido irmão. – Proferiu Seth, enquanto se levantava e se dirigia a Osíris, que se encontrava parado ao lado do lago, observado pelas três mulheres, que o devoravam com olhares eróticos, repletos de pensamentos pecaminosos, cientes de que nunca seriam reais, pelo menos com Osíris. Estava acompanhado de quatro guardas, com peitorais que cobriam meio corpo, de cor dourada e riscas azuis, por baixo destes vestiam chantis de cor clara, presos por cintos largos. Encontravam-se armados com alabardas, cujas hastes tinham o aspecto de cobras.

Seth e Ósiris abraçaram-se como dois bons irmãos e dirigiram-se à mesa onde os aguardava um fantástico banquete. Esboçando um gesto de cortesia, Seth recuou a cadeira onde se sentaria o seu irmão, e após este ter aceitado o convite para se sentar, proferiu:

– Hoje, é um dia especial. Um dia que ficará eternamente gravado nas nossas memórias e tudo farei para que também fique escrito, para que os nossos filhos e os filhos destes o recordem

1 Sutekh – nome Egípcio de Seth ou Set em hieróglifos

como se o tivessem vivido. Ofereço este jantar a Osíris, como prova do meu eterno amor e da minha veneração.

Todos os presentes sabiam que estas eram palavras ocas, recheadas de mentira, que tinham saído de uma boca infiel e traiçoeira. Todos menos um. Este dia ficaria registado, sim, mas não pelo motivo que ele invocara.

Depois de proferir estas palavras, o seu autor foi entusiasmaticamente aplaudido e todos brindaram a Osíris. Um gesto de traição, mas Osíris ignorava-o.

E nisto, eis que se iniciou um burburinho ensurdecedor, um som de metal arrepiante provocado pelos espetos a bater nas travessas. O néctar dos deuses jorrava das canecas soando a um aguaceiro. Parecia que a cascata fazia agora parte do lago bem adornado por aquelas três fêmeas ávidas de prazer. Um prazer de outro género era partilhado à mesa. A sofreguidão aliava-se à selvajaria. Pareciam matilhas a devorar as suas presas, numa tentativa de saciarem as suas entranhas e hidratarem os seus corpos com tão viciante líquido.

– Então, meu irmão? Surpreendi-te? O *shedeh* é do teu agrado? – perguntou Seth a Osíris, enquanto este matava a sua sede e travava uma luta com uma enorme perna de porco.

– Sim. Sempre foste um grande organizador deste tipo de festas. Não fosses um autêntico ogre, no que à comida diz respeito. – Retorquiu Osíris, rindo. – Ainda continuas a refrescar as ânforas na água fresca da cascata?

– Sou de velhos hábitos, como bem sabes. Não há lugar algum, em todo o alto e baixo Egipto, capaz de as refrescar tão bem. E para além disso, intensifica-lhe o sabor doce. Estás a ver aquelas uvas ali? São colhidas nas minhas terras do lado norte do rio e é delas que nasce este sangue. Prova-as e perceberás o grande segredo. Pensarás que estás a comer um pote de mel.

O jantar continuava bastante animado, sem a azáfama inicial. Esta tinha dado lugar a um jogo, entre quem enchia os jarros e repunha as travessas e quem, quase com a mesma rapidez, tratava de os esvaziar. Contavam-se histórias hilariantes, sarcásticas e relatos de autênticos horrores. Eram as

histórias das experiências vividas em batalhas. Foi então que se ouviu um tilintar bastante forte. Todos desviaram o olhar na direcção do som e viram Seth, de pé, a chamar a atenção dos seus convidados, impondo-se como um maestro desejoso da atenção da sua orquestra.

– Para comemorar este dia vou fazer uma oferta que será entregue a quem satisfizer um requisito! – Foram estas as palavras de Seth, que deram por terminado aquele silêncio assustador mas não tanto como o que estava prestes a acontecer.

Entraram na sala quatro guardas, os mesmos que escoltaram Osíris mas, desta vez, não carregavam armas, mas uma arca. Não era uma arca qualquer, que poderia ter servido de salgadeira ao prato principal, antes uma peça magnífica, em madeira escura, onde sobressaíam ornamentos a cor mais clara. Os ornamentos não tinham qualquer significado especial, não eram letras nem símbolos, serviam apenas para adornar aquela peça. Os guardas pousaram gentilmente a arca aos pés da grande estátua ao fundo da sala. Seth dirigiu-se a esse local e pediu para que a abrissem e disse: – cada um de vocês vai entrar dentro desta arca. Ela será entregue à pessoa que igualar as suas medidas. – Durante este discurso, alguns olhares cruzaram-se. Uns espelhavam dúvida, outros, espanto, mas muitos sentiam uma premonição.

E lá foram entrando na arca como se de um leito se tratasse. Um a um, todos tentaram a sua sorte. Para algumas pessoas a arca era pequena demais – as pernas não entravam. Para outras, era grande demais. Parecia que ninguém tinha as medidas adequadas, para transformar a arca naquilo que muitos anteviam poder vir a ser o seu... sarcófago.

– Osíris, agora tu. Experimenta também. Tens o mesmo direito. – disse Seth, num tom provocador. Osíris era observado por todos, em especial por aqueles seis olhos de serpente, que se deliciavam com o que estavam a ver. Estavam eufóricas, loucas.

Pairava no ar um misto de malvadez, de sinistro e de alguma comiseração perante aquilo a que iriam assistir. E um, apenas um, que o ia sentir. Todos tinham os olhos postos em

Osíris. Testemunhavam cada um dos seus movimentos. Entrou e deitou-se. Encaixava na perfeição. Teria esta arca sido construída com o intuito de servir como última morada de Osíris? Tudo assim o indicava. Os quatro guardas que se encontravam em cada um dos vértices da arca fecharam-na perante os olhares incrédulos de alguns presentes e o olhar sinistro, maquiavélico e de satisfação de Seth.

– Não querem encher a caixa de escaravelhos? – proferiu um dos conspiradores, com uma voz atestada de contentamento, entre batidas fortes e constantes vindas de dentro da arca.

– Nem pensar nisso! – ripostou Seth. – Quero que ele tenha uma morte lenta. Dolorosa mas lenta! Que tenha tempo para me venerar, implorar pelo meu perdão, que jamais lhe será concedido. Agora sim. Sou aquilo que sempre devia ter sido: o maior de todos. O grande senhor. – E com a voz fria e rouca, com as veias a quererem sair-lhe do pescoço, ordenou: – Atirem a arca ao rio. Que este lhe sirva de cavalo para o além.

Parte 1

“Nós, os Chacais, sacerdotes de Anúbis, somos os guardiões das suas gloriosas tumbas ou humildes sepulturas. Somos os guardiões dos mortos. Somos os servos de Anúbis. Somos a Cinópolis.”

Capítulo dos Mortos, Livro de Maat

Capítulo Um

Estava tão concentrada nos meus sonhos que não vi Anat entrar na sala. Estávamos os três sentados, cada um na sua mesa, naquela que era a parte da casa de que eu menos gostava. Não por ser o local escolhido para as nossas aulas privadas, mas porque não tinha qualquer tipo de beleza. Tratava-se de uma divisão não muito grande que continha as nossas três mesas, obviamente assessoradas por três cadeiras, e uma mesa um pouco maior, mas devidamente centrada e virada para as restantes. A entrada era única e pela sua imperfeição, notava-se ser o resultado de uma escavação, que em nada merecia ser a passagem para o sumptuoso salão existente mesmo ali ao lado. As paredes e o tecto eram de pura rocha, na qual existia uma pequena fenda por onde entrava a luz proveniente do sol, o responsável por encher a sala de brilho com a ajuda de dois grandes espelhos pousados no chão. Cada um dos vidros reprodutores de imagens estava encaixado num suporte de madeira que lhes permitia uma posição inclinada. Lá fora, o surgimento dos intensos raios solares desfazia a neblina matinal e os espelhos começaram a cumprir a sua função.

Era o mesmo local onde, de geração em geração, a matriarca partilhava os seus conhecimentos e ensinava todas as regras da

família. Era uma preparação que durava exactamente setenta e dois dias e que só ela a podia fazer. Esta tradição milenar era obrigatória e iniciava-se no dia seguinte a completar quinze anos.

A minha preparação tinha começado há muito pouco tempo.

Anat estava deslumbrante e mais bonita do que nunca. Vestia uma longa camisa fina, sobre a qual caíam os seus longos cabelos negros que realçavam em muito o rosto branco e os olhos verdes, que pareciam incrustados. As suas mãos, bem cuidadas, seguravam uma pequena caixa dourada.

– Hoje, quero que aprendam o significado destes dois objectos. – Anat iniciara com estas palavras a primeira sessão, ao mesmo tempo que abria lentamente a caixa dourada, que continha no seu interior duas peças em madeira com uma forma invulgarmente estranha.

Anat estava tão entusiasmada a observar aqueles dois objectos, que o olhar sedutor e o sorriso maroto protagonizado por Layla, lhe passaram completamente despercebidos. Para Layla, nada mais existia na sala do que aquele corredor criado na sua mente e que servia de trilho ao seu olhar recheado de luxúria, emitido sensualmente pelas duas íris cor de mel. Tentava ser discreta, permanecendo com a cabeça pousada sobre a mão esquerda, para que assim parecesse estar a escrever. Não queria que Anat reparasse que estava a preparar mais uma investida para conquistar Kek. Aquela posição dava-lhe um ar de extrema sensualidade, devo admitir, mas eu sabia muito bem que Layla era um lobo vestido de cordeiro. No entanto, a minha sinceridade obriga-me a afirmar que Layla era realmente bela. Dona de uma cara redonda, cuja cor pálida era realçada por uma farta cabeleira cor de ébano, e naquela posição, os seus cabelos pousados sobre a mesa reluziam, parecendo autênticos fios de linho negro. O vestido curto e bem decotado mostrava um peito perfeito e umas bonitas pernas brancas, onde se destacava uma pulseira de contas azul-turquesa no tornozelo, que dava uma certa graça aos seus pés descalços.

– Estes dois símbolos acompanham-nos há muitas gerações.

– Continuou Anat, chamando assim a nossa atenção. – Kamilah,

Layla, Anat, Kek, esta é a aula mais importante de todas. – pronunciou cada um dos nossos nomes ao olhar-nos nos olhos.

Um daqueles objectos conquistou o meu olhar. Tinha uma forma linda, como se de uma jóia se tratasse. Não daquelas que serviam de adorno aos pescoços ou braços, já que esta era escura. Totalmente preta e sem qualquer brilho, mas havia algo nela que me encantava. Algo que me fascinava e me dava arrepios. Conferia-me uma sensação estranha de protecção, mas por outro lado, também de algum desconforto, parecia até que o meu cérebro fervilhava por memórias passadas, por recordações, como se aquela não fosse a primeira vez que eu a contemplava. Tê-la-ia visto em algum lugar antes? Até parecia que sim. Num gesto suave, Anat, como que se tivesse lido o meu pensamento ou reparado no meu olhar hipnótico, agarrou naquele objecto e ergueu-o.

– Este é o meu preferido e simboliza a imortalidade. – Explicou num tom de voz suave, que continha alguma melancolia.

– Chama-se *ankh*. Este cruzamento, que aqui vêem, simboliza a vida e a ressurreição. – Continuou Anat apontando para o eixo da cruz.

– Assim sendo, todos aqueles que voltam ao mundo dos vivos, após a passagem pelo além, deveriam andar com esse símbolo ao pescoço. – Sentenciou Kek.

Da última vez que eu tinha desviado o olhar para avaliar a evolução da atmosfera amorosa que Layla queria criar em Kek, este estava totalmente alheio às suas intenções, pois o seu olhar estava fixo no meu peito. Por breves momentos senti-me despida. Baixei o olhar tentando aferir se não estaria inconscientemente a provocá-lo, mas não era o caso. O meu vestido de seda estava impecavelmente sobreposto a um outro extremamente fino mas opaco. Seguramente, não seria a exposição inadvertida de alguma parte íntima do meu corpo a razão para o comportamento de Kek. Pensava eu que ele estava concentrado no meu corpo, mas estava enganada. Aquela afirmação provou-o.

– Sim e não. – Respondeu Anat. – Não, porque só os verda-

deiros deuses voltam do além. E esses, já têm os seus próprios símbolos para adorar. Sim, porque todos os que têm a morte como passado e a vida como presente e futuro, têm nesta cruz o símbolo do seu deus. – disse, erguendo o *ankh*, num acto de adoração.

– Vou contar-vos uma história dos tempos dos antepassados de Khufu. – O espanto foi geral, pois Khufu tinha governado o Egipto há mais de mil anos.

– Em dois campos de batalha completamente distintos, dois reis comandavam os seus homens. A valentia deles era conhecida muito para além da nascente do Nilo. Durante três luas, estiveram de espada erguida para evitar a morte e para proteger aqueles que juraram dar a vida por eles. A cada crepúsculo que passava, o cheiro a morte aumentava. Por cada dia que passava, as areias ficavam cada vez mais rubras e o ar tornara-se impossível de respirar. Jamais se conseguiria contar os mortos. Cada um dos reis olhava inconsolado para um cenário de horror. Um deles ainda contava com um número significativo de homens e animais, mas não era motivo para se regozijar. O outro, impotente, deu ordem de retirada. No final da batalha, cada um dos reis, partindo de posições opostas e bastante distantes, abandonou a galope o sangrento local por entre milhares de corpos mutilados e empalados. As hienas famintas, apoiadas por abutres sedentos de carne morta, iam limpando o local. Alguns soldados ainda se remexiam num último suspiro, afugentando os necrófagos, mas apenas temporariamente. Nada escapava às barrigas famintas, nem homens, nem animais, mortos ou quase. Alheios ao destino que os corpos daqueles que lhes juraram lealdade estavam a ter, ambos os reis cavalgavam. Um para norte. O outro para oeste.

Anat, após narrar a história, exemplificou com o dedo indicador sobre o *ankh* a trajectória dos reis.

– Até que se encontraram. – Anat apontou para o centro da cruz. – Aqui! Um representava a vida, tinha saído triunfante da batalha e o seu percurso até ao momento do encontro tinha sido por entre as suas tropas que gritavam vitória. Entoavam

cânticos à vida e ao seu rei. O outro, tinha percorrido um caminho de morte. Não quis o destino sacrá-lo uma vez mais vencedor. Contrariando a história, desse encontro não resultou nenhum prisioneiro, nenhuma morte. Mas sim uma aliança. Ambos concluíram que seriam mais fortes juntos e assim, seriam invencíveis. Nesse dia uniram-se. Nesse dia, criaram uma nova bandeira e este era o seu símbolo. – concluiu Anat, erguendo o *ankh* o mais alto que pode.

Toda esta história incomodou-me. Estava ainda a tentar decodificar tudo aquilo que tinha ouvido e já Anat tinha o outro objecto na mão.

– Este é o ceptro *uas*. Trata-se de um ceptro real e como tal, tem um significado bem diferente do *ankh*, porque este só é digno de um verdadeiro deus. Simboliza o poder. – Explicou.

Pousou também o segundo objecto sobre a mesa e retirou o fundo interior da caixa que parecia conter unicamente o *ankh* e o ceptro, mas não. Pura ilusão de óptica. Aquilo que parecia ser o fundo da caixa não o era. Tratava-se da tampa de uma segunda divisória. Pousou a tampa ao lado dos outros dois objectos e retirou do compartimento uma pequena estátua. Era um corpo de homem com cabeça de animal que não consegui identificar pela distância que me separava da Anat. Estava com uma expressão séria e bastante intrigada a tentar perceber de que animal se tratava, quando Anat se aproximou de mim.

– Estás com um ar de muita curiosidade, Kamilah. Toma, segura na estátua e diz-me o que vês. – pediu-me.

Peguei na estátua e contemplei-a durante alguns segundos. De seguida levantei-me, coloquei-me ao lado de Anat e virei-me para a Layla e para o Kek.

– É um homem com cabeça de cão. – disse, mantendo o olhar na estátua que tinha um ar sinistro. Uma vez mais, não resisti a um olhar de soslaio em direcção a Kek. Estaria aquela cabeça coberta de longos caracóis castanho-claros a projectar imagens que nunca iriam acontecer, pelo menos com o meu estado de espírito actual? Na verdade, todos aqueles que poderiam ser os motivos ou os sonhos daquele sorriso galanteador, daquela

expressão meia selvagem, meia terna, eram-me indiferentes. Kek era efectivamente um homem bonito. Tinha um olhar penetrante que condizia com um corpo perfeito. Era alto e estava sempre bem vestido e esse dia não era excepção. Trazia uma camisola semitransparente, cujo decote era bordado a cor de ouro e que fazia sobressair os seus peitorais, sem pêlos, o que me agradava particularmente. Vestia também umas calças de linho não muito compridas e calçava uns chinelos castanho-escuros. Porém, havia algo em Kek que sem eu perceber porquê, me fazia não sentir a mínima atracção por ele. Gostava dele como primo e nada mais. Bem vistas as coisas, ainda bem que assim era, pois caso contrário, a paixão que Layla nutria por Kek poderia dar-me grandes dores de cabeça e, certamente, ganharia uma inimiga eterna. De qualquer modo, eu não tinha culpa que o Kek sentisse por Layla o mesmo que eu sentia por ele.

– Vejo também que segura com a mão esquerda um ceptro e com a direita um *ankh*. – Continuei a minha explicação antes que o tivesse de fazer por repreensão. – E por baixo tem uma inscrição com a palavra *Anpu*.

Assim que terminei a minha explicação, devolvi a estátua de Anpu a Anat. Nunca tinha ouvido o nome que acabara de ler, mas a explicação seria certamente dada a seguir, pensei.

– Muito bem, Kamilah. – Ajuizou Anat, convidando-me a sentar. – No entanto, uma pequena correcção. A cabeça que identificaste como sendo de um cão, efectivamente não o é. Trata-se de um chacal. Mas não fiques triste por isso, muitos são os que incorrem no mesmo erro, tal é a semelhança entre esses dois animais. – As palavras de conforto foram acompanhadas de uma carícia na minha cabeça. – E a título de curiosidade, Anpu é o nome pelo qual é conhecido Anúbis.

Ao pronunciar este nome, senti uma certa emoção na voz de Anat. As palavras já não saíam de forma fluida. A comoção era evidente e não me passara despercebida, embora estivéssemos todos um pouco baralhados e com olhares cruzados uns para os outros, uma vez que não estávamos a perceber nada. Pelo menos eu não estava, nem fazia a mínima ideia de que forma

estes três objectos poderiam estar relacionados. Para mim, a única coisa que fazia algum sentido nisto tudo, era o facto de Anúbis ter cabeça de chacal e segurar no *ankh*. Ora, se o *ankh* simboliza a ressurreição e o chacal tem uma certa ligação com os mortos, certamente que este Anúbis, ou Anpu, terá sido uma criatura ligada à morte ou à ressurreição. Quanto ao ceptro, sinceramente não estava a perceber a ligação.

– Bem e agora mais uma história para perceberem qual o verdadeiro significado de tudo o que vos ensinei. – A clareza da voz de Anat tinha sido reconquistada.

O dom de Anat de ler os meus pensamentos era assustador. Por vezes, até ficava com a sensação de que tinha sido eu a preparar a aula, o que no meu íntimo até me dava um certo gozo, já que levantava o meu ego, e não tenho dúvidas de que conduziria a sessão exactamente da mesma maneira.

– O *ankh* surge na nossa geração através de Anúbis. O *ankh* foi-lhe oferecido por Osíris, concedendo-lhe assim o dom da imortalidade. E porquê, perguntam vocês? A resposta é simples, mas a sua compreensão poderá não o ser e, por essa razão, peço-vos a máxima atenção, incluindo-te a ti, Layla, que pareces totalmente abstraída da aula de hoje. – Anat chamou a atenção de Layla num tom de voz um pouco mais rude do que era habitual. Mas valeu a pena, já que, após o reparo, Layla assumiu uma postura mais séria.

– Muito antes de ter nascido o avô do avô de Kek, a nossa terra era governada por dois deuses, os irmãos Seth e Osíris, mas infelizmente não se davam como tal, já que, embora fossem sangue do mesmo sangue, Seth, o mais novo, nunca aceitou a grandiosidade do primogénito, nutria antes um ódio de morte por Osíris, levando-o a um acto tresloucado de insanidade e malvadez: o assassinio do próprio irmão. – A indignação estava estampada no rosto dos três jovens. – Mas Seth era casado com uma mulher de nome Néftis... – Anat fez uma pequena pausa, algo naquela frase lhe tinha momentaneamente tirado a voz – ...e Néftis, após uma contenda com Seth, fez-se passar por Ísis, sua irmã e esposa de Osíris, e este, pensando que se

tratava da sua própria mulher, relacionou-se com ela e, dessa relação, nasceu um filho, a quem deram o nome de Anúbis. – Anat com o indicador direito, desviou o olhar dos aprendizes em direcção à pequena estátua negra. – Tudo isto enfureceu ainda mais o maquiavélico Seth. – Anat sorriu. – Com o passar dos anos, Anúbis criou uma forte relação com o seu pai. Tinha por ele uma adoração profunda, um amor só mesmo possível entre pai e filho. A paixão era tão grande, que Osíris era o seu mentor, o seu deus. – Anat baixou os olhos por breves segundos. – Sendo assim e como devem compreender, a morte do pai abalou profundamente Anúbis. Com o coração desfeito e a ajuda da sua mãe, mumificou o corpo do pai. – Anat fez uma pausa e pousou a estátua sobre a sua mesa. – Mas este não foi o último contacto íntimo que tiveram com Osíris após a sua morte. – Anat olhou-me nos olhos. – Ainda antes deste ritual, Osíris voltou do mundo dos mortos para um último desposar de Ísis e para dar a Anúbis a vida eterna.

E desta forma Anat iniciara mais um ritual milenar. Uma iniciação que começava quando eles se transformavam em homens viris e elas, em verdadeiras mulheres. Quando eles e elas já podiam ser pais e mães. Contudo, essa iniciação não se destinava a todos eles, mas sim apenas a dois.

“Uma grande estreia do Rui Sequeira”

Luis Miguel Rocha · Escritor

“Acredito profundamente que cada um de nós tem sonhos misteriosos. E o Rui com esta obra prova que de facto qualquer um os pode realizar, com muita paixão e dedicação.”

Daniel Sá Nogueira

“O Egipto faraónico revisitado.

Narrativa intensa em torno de um faraó que desapareceu jovem e onde o autor sabiamente constrói um explosivo “cocktail” de mistério, intriga, suspense e, claro, amor e morte. Ingredientes bastantes para nos prender numa viagem épica, rodeados pelos enigmas que as margens do Nilo ocultam!

Uma obra cativante. Absolutamente imperdível.”

João de Freitas · Jornalista

“Simplesmente épico!

Uma fantástica e inesquecível viagem ao antigo Egipto...”

James Serra · Actor